

Lisbon roundup #4

 contemporanea.pt/edicoes/04-05-06-2022/lisbon-roundup-4

Isabel Nogueira

É altura de pensar seriamente a História e o lugar.

Excepcionalmente, neste Roundup, escolhemos apenas duas exposições colectivas, que consideramos implicativas ao nível da reflexão sobre o momento presente e sobre a História, sobretudo, a portuguesa. Não é fácil produzir um discurso que não se revista de paternalismo, simplificação, empoderamento, entre outras formas panfletárias e lineares de abordagem. E vindas, claro, de várias fileiras. A Revolução de Abril de 1974 pôs fim a um regime ditatorial, reaccionário, fechado e colonialista. A colonização foi factualmente um acto consciente, organizado e continuado de domínio, exploração e violência, a diversos níveis, sobre o Outro. Quer dizer, perpetuou-se, durante aproximadamente cinco séculos, uma acção de propriedade desprovida, naturalmente, de qualquer empatia ou respeito. Os portugueses foram pioneiros neste processo, conhecido por Descobrimentos, que se iniciou simbolicamente com a tomada de Ceuta, em 1415, e que culminaria em 1974. Mas, e que país se foi efectivamente construindo? A seu modo, ambas as exposições interpelam o passado e o presente, segue uma reflexão sobre as respectivas propostas.

Europa Oxalá

@Fundação Calouste Gulbenkian

O mote é dado pelo conceito de pós-memória que, nesta profusão conceptual do nosso tempo, genericamente reflecte sobre o entendimento da memória de uma segunda ou terceira gerações de pessoas no que ao colonialismo, descolonização e suas diversas consequências diz respeito, e que lhes chega de modo indirecto, sobretudo através de familiares. São mais de meia centena de obras pertencentes a vinte e um artistas, de gerações bastante próximas: Aimé Ntakyiica, Carlos Bunga, Délio Jasse, Djamel Kokene-Dorléans, Fayçal Baghriche, Francisco Vidal, John K. Cobra, Katia Kameli, Josèfa Ntjam, Malala Andrialavidrazana, Márcio Carvalho, Mónica de Miranda, Nú Barreto, Pauliana Valente Pimentel, Pedro A. H. Paixão, Sabrina Belouaar, Sammy Baloji, Sandra Mujinga, Sara Sadik, entre outros/as. Aimé Mpembe Enkobo, António Pinto Ribeiro e Katia Kameli são responsáveis curatoriais por esta mostra itinerante por mais um par de países, que resulta de uma colaboração entre várias instituições, destacando-se, em Portugal, o Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, através do seu projecto MEMOIRS — Filhos do Império e Pós-Memórias Europeias.

Como seria expectável, as peças são evocativas de realidades complexas — colonialismo, pós-colonialismo, racismo, questões de género, entre outras — e encontram-se apresentadas de modo depurado, tornando o conjunto portador de respiração e ritmo, aspectos a considerar numa boa exposição. De um modo geral, as peças são fortes e necessitam de espaço físico e conceptual de fruição, o que efectivamente sucede, sem

atropelos. E, neste sentido, o conjunto torna-se coeso e portador de significado à medida que o espectador o percorre e que também o apropria, possivelmente, através das suas (pós)memórias e referências individuais. E o todo torna-se, assim, mais denso e mais significativo. E será, provavelmente, este um dos objectivos da exposição. Neste sentido, destaquemos a linha de investigação fotográfica de Pauliana Valente Pimentel, o traço reconhecível de Francisco Vidal, a bela instalação de Sammy Baloji, a singularidade dos trabalhos de Carlos Bunga, a escultura de pulsos atados de Sabrina Belouaar, ou o globo terrestre giratório de Fayçal Baghriche, entre outras boas propostas em diversos suportes e linguagens.

Um outro aspecto relevante tem que ver, claro, com o título da mostra: *Europa Oxalá*. “Oxalá” é uma palavra/interjeição que denota vontade, desejo que assim seja, que assim aconteça. A Revolução de Abril de 1974 colocaria cobro ao longo colonialismo português. Nos derradeiros anos do regime corporativo, Portugal envolvera-se numa desgastante guerra de guerrilha contra os movimentos independentistas, perdendo oficialmente a vida quase nove mil indivíduos, num drama humano de ambos os lados e num esforço de guerra incomportável, seguindo-se o complexo caminho da estabilização na democracia e da adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986, designada União Europeia (UE) a partir de 1992. Justamente no decurso dos anos 80 e 90, ia tomando corpo uma vontade de um Portugal inequivocamente cosmopolita e moderno, inclusivamente também, no início da década de 80, no âmbito de um movimento artístico pós-moderno de fundo, crítico dos mitos e das narrativas históricas. Efectivamente, muitas das características que são atribuídas ao pós-modernismo são justamente a diferença, a *nuance*, a complexidade dos lugares e das culturas, o reconhecimento do díspar e do desigual, a nível geográfico, político, sexual, etc. E, nesta senda, o movimento pós-moderno seria um contributo importante para a percepção do “Outro”, quer dizer, do que vai além da visão ocidental, branca, masculina, elitista, e que aceita o multiculturalismo, o vernáculo, a criação feminina e a sua legitimação à margem de uma grande narrativa dominante desde o “Século das Luzes”.

De facto, a Europa tem vindo a receber o seu espelho, num reflexo nem sempre auspicioso ou brilhante, isto é, iluminista, como a Revolução Francesa nos quis fazer acreditar através da magnífica trilogia dos seus ideais, eles próprios oriundos das “Luzes da Razão”, fundadores da política e da cultura ocidentais. Depois surgiram, afinal, as catástrofes, o colonialismo, as grandes guerras, o holocausto, os fascismos e outros totalitarismos, o prolongamento de desigualdades de género, os problemas ecológicos, o terrorismo e os ataques suicidas, as desigualdades económicas e sociais, a globalização neoliberal e o capitalismo tardio, cujos expoentes têm sido o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, a falta de emprego e os colapsos financeiros, as crises, as novas epidemias. Ficámos numa encruzilhada desconfortável, agressiva, baralhante, dramática, perigosa. Destacaram-se os textos seminais de Albert Memmi, Edward Wadie Said, Frantz Omar Fanon, ou de Kwame Nkrumah, que se estabeleceram como reflexões de fundo sobre esta temática, aos quais, naturalmente, se foram seguindo outros. Mas a verdade é que a Europa continua a ser o nosso projecto. É aqui que vivemos e que somos, ainda, e depois de tudo.

A arte que reflecte sobre o pós-colonialismo e a pós-memória encontra-se também, naturalmente, ligada à globalização, ou seja, à reflexão crítica sobre as condições planetárias da produção artística, assim como da sua circulação e recepção. A própria função dos museus é questionada, propondo-se um lugar não apenas de objectos mas de formulação de narrativas, eventos e experiências, ou seja, outras cartografias e outros imaginários do futuro. A função, cientificidade e legitimidade dos museus de etnografia, por exemplo, são inevitavelmente questionadas. *Europa Oxalá* reflecte, a seu modo, sobre todos estes aspectos. A Europa continua a ser uma casa e um projecto aglutinador, depois de reconhecidas e saradas as feridas. O desejável novo velho continente.



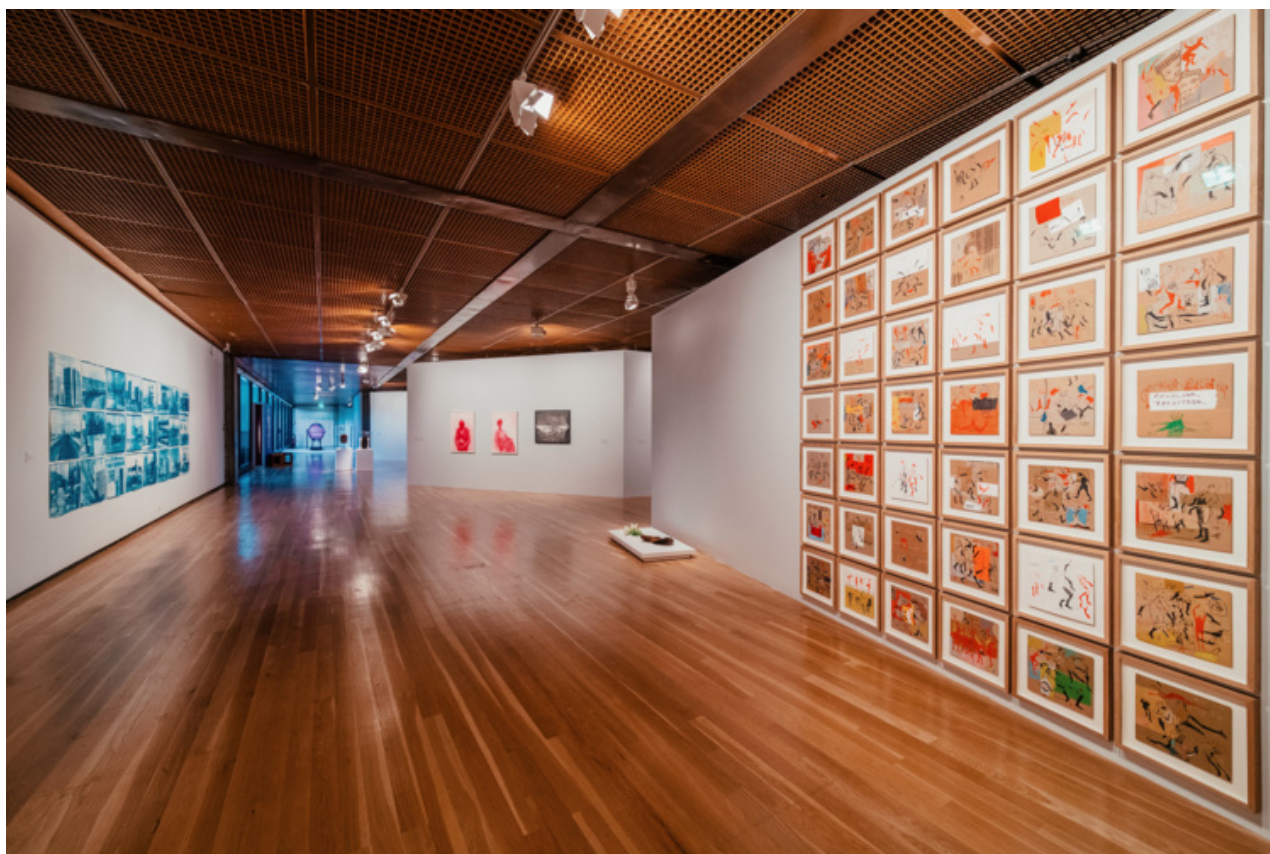












Europa Oxalá. Vistas de exposição, 04 de março — 22 de agosto 2022. Fotografia: Pedro Pina. Cortesia da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Isabel Nogueira (n. 1974). Historiadora de arte contemporânea, professora universitária e ensaísta. Doutorada em Belas-Artes/Ciências da Arte (Universidade de Lisboa) e pós-doutorada em História da Arte Contemporânea e Teoria da Imagem (Universidade de Coimbra e Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne). Livros mais recentes: "Teoria da arte no século XX: modernismo, vanguarda, neovanguarda, pós-modernismo" (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012; 2.^a ed. 2014); "Artes plásticas e crítica em Portugal nos anos 70 e 80: vanguarda e pós-modernismo" (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013; 2.^a ed. 2015); "Théorie de l'art au XXe siècle" (Éditions L'Harmattan, 2013); "Modernidade avulso: escritos sobre arte" (Edições a Ronda da Noite, 2014). É membro da AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte).